

O MODERNISMO ARQUITETÔNICO EM TERESINA (PI): A CONTRIBUIÇÃO DO ARQUITETO ANTONIO LUIZ DUTRA.

Joene Saibrosa da Silva

Pós graduanda UnB
jsaibros@uol.com.br

Este artigo explora a arquitetura modernista em Teresina, através do trabalho do arquiteto mineiro Antonio Luiz Dutra, desenvolvido nas décadas de 1960 e 1970. Para compreender o processo de implantação do movimento moderno na capital piauiense, fez-se breve histórico da expansão da arquitetura modernista no mundo.

Palavras-chaves: História da arquitetura. Arquitetura Modernista. Arquiteto Antonio Luiz.

This article explore the modernist architecture in Teresina, through the architect's Antonio Luiz Dutra work, developed the decade of 1960 and 1970. To understand the process of implantation of the modern movement in the Piauí's capital, it made a brief historical of the expansion of the modernist architecture in the world.

Keywords: History of the architecture. Modernist architecture. Architect Antonio Luiz.

Esse artigo aborda a Arquitetura Modernista em Teresina, através da análise da participação do arquiteto mineiro Antonio Luiz Dutra de Araujo no processo de modernização do cenário urbano da cidade nas décadas de 1960 e 1970. O arquiteto é o responsável pelo projeto de grande número de edifícios que seguem os princípios do Movimento Moderno. Esses rompem com os estilos passados, destacando-se na paisagem urbana por suas características arrojadas e inovadoras.

Em Teresina do ano de 2001 a 2002, época de realização de uma pesquisa de iniciação científica da Universidade Federal do Piauí sobre Arquitetura Modernista, percebeu-se que foram descaracterizados vários exemplares. A preocupação com a longevidade desse patrimônio, frente ao descaso existente, nos leva a aprofundar os conhecimentos, fazendo um registro sobre a arquitetura modernista em Teresina.

Segundo Gutiérrez (1989, p.32) a obra arquitetônica é o testemunho histórico sedimentado e acumulado dos modos de vida do homem e a perda de qualidade do ambiente físico acompanha o desaparecimento de valores culturais essenciais; assim o cidadão vai aos poucos deixando de identificar-se com sua cidade. Teresina necessita de pesquisas que

resgatam não só as obras arquitetônicas como também os profissionais responsáveis por elas e pela formação da paisagem urbana ao longo dos tempos.

Esse texto é, portanto, a síntese de dados levantados através de pesquisa bibliográfica (livros, publicações e periódicos) realização de imagens gráficas, além de entrevistas realizadas com personagens que vivenciaram o período de implantação da arquitetura modernista na cidade. Na primeira parte relatamos a propagação do Movimento modernista no mundo, incluindo o Brasil; na segunda, enfatizamos o contexto histórico em Teresina; na terceira, nos dedicamos a falar um pouco da trajetória pessoal e profissional do arquiteto e, por fim, na quarta parte analisamos alguns de seus projetos modernistas.

1 O Modernismo no Mundo

Para entender como se deu o processo de implantação do modernismo em Teresina, faremos um breve histórico da expansão do Movimento Moderno no mundo, inclusive o Brasil.

O processo de modernização das cidades se iniciou com a Revolução Industrial, através do aumento da população que demandava planejamento para as novas cidades e com o surgimento de novos materiais, como o vidro, o aço e o concreto que permitiram maior liberdade de criação.

Todas essas novidades facilitaram o surgimento do Movimento Moderno, mas como toda transformação histórica importante, o movimento moderno compreende um grande número de contribuições individuais e coletivas, não sendo possível fixar sua origem num só lugar ou num único ambiente cultural. Benévolo (2001, p.403) distingue em primeiro lugar duas experiências inovadoras: a obra didática de Gropius e seus colaboradores da Bauhaus e a obra de Le Corbusier como arquiteto; em segundo lugar, algumas experiências ligadas aos movimentos culturais do período anterior à guerra e do período bélico.

A Bauhaus desenvolveu-se na Alemanha logo após a Primeira Guerra Mundial. Era uma escola de artes liderada por Walter Gropius e que sofreu forte influência do De Stijl, movimento cultural holandês. A Escola tinha como objetivo construir uma nova sociedade, sendo ainda hoje sinônimo de uma modernização radical na arte e que influenciou bastante a arquitetura modernista, através de seus ideais de funcionalidade e simplicidade das formas.

Quanto ao francês Le Corbusier, esse enfrentou as tradições de seu país, que apresentava, na época, estabilidade econômica, social, política e cultural, pois não existiam vanguardas artísticas. Em *Três lembretes aos senhores arquitetos*, Le Corbusier apud Benévolo (2001, p.430) fala sobre volumes simples, superfícies definidas mediante as linhas diretrizes dos volumes, a planta como princípio gerador. Inicialmente, construía unicamente casas, as quais chamou *machines à habiter* (máquinas para habitar), designação que pretendia exprimir sua admiração pelas linhas sóbrias e precisas da maquinaria e não um desejo de vida mecanizada (JANSON, 2001, p.1036).

Uma das maiores contribuições de Le Corbusier foi a publicação de um documento, em 1926, com “os cinco pontos de uma nova arquitetura”: os pilotis, os tetos-jardim, a planta livre, janela horizontal e fachada livre. Esses passaram a compor o esquematismo da arquitetura modernista por volta de 1930.

Vários arquitetos aderiram as idéias de Le Corbusier, mas era preciso, agora, convencer o público que a arquitetura modernista funcionava melhor que as antigas e para isso passaram a procurar meios de divulgação dos trabalhos. Participaram de concursos, mostras, escreveram livros, organizaram manifestos e projetaram.

Em 1927, uma exposição de arquitetura realizada pela Deurscher Wekbund, no bairro Weissenhof, em Stuttgart, serviu para patentear a arquitetura da época, pois apesar do grande numero de arquitetos participantes de vários países e das diferenças estilísticas, os edifícios construídos no bairro em Stuttgart apresentaram-se como um grupo de casas homogêneas tanto pela forma como pelos materiais aplicados. Pela primeira vez tornou-se visível ao observador que não se tratava de um estilo específico com um cunho regional, mas sim de uma arquitetura nova com um desenvolvimento a nível mundial (TIETZ,2000, p. 39).

Para Benévolo (2001, p.478), nos anos próximos a 1930, a arquitetura moderna atingiu o máximo de prestígio e de popularidade. Nesse clima, entre 1929 e 1931, foram construídas três importantes obras famosas: a Villa Savoye em Possy de Le Corbusier, a Villa Tugendhat em Brno, de Mies van der Rohe e o Columbushaus em Berlim, de Mendelson.

A seguir, veio a Primeira e Segunda Guerra Mundial onde os problemas econômicos e sociais, existentes em muitos países, agravaram-se ainda mais. Como conseqüência, o Estado passou a ser o grande cliente dos arquitetos porque era o único capaz de financiar

um programa de reconstrução urbano do primeiro pós-guerra, além de dar conta do crescente déficit habitacional.

Começou-se a desenvolver planejamentos urbanos modernistas, cuja preocupação era criar habitação de massa que oferecesse o sol, o ar, os jardins e o modo de vida sadio, até então acessíveis apenas para a burguesia. Todas essas preocupações resultaram no documento chamado Carta de Atenas, redigido por Le Corbusier durante uma reunião do CIAM - Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna.

Com a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos viveram um *boom* econômico, gerando um ambiente propício para a arquitetura modernista, que passou a ter destaque no país graças à vinda de arquitetos alemães, cuja obra Hitler condenou. Gropius, por exemplo, foi nomeado presidente do Departamento de Arquitetura de Harvard e Mies van der Rohe fixou-se em Chicago (JANSON, 2001, p.1037).

Os arranha-céus de Mies van der Rohe conduziram a que, nos Estados Unidos, os edifícios de escritório e as sedes representativas de grandes empresas, construídos nesses anos, apresentassem o vidro como material construtivo mais importante (...) O termo parede-cortina (curtain wall) evoluiu rapidamente no sentido de se tornar sinônimo de arquitetura de edifícios empresariais dos anos 50 e 60 (TIETZ,2000, p.60).

Enquanto isso na Europa, a obra do pós-guerra de Le Corbusier caracterizou-se por um afastamento da linguagem formal do modernismo. Uma obra tardia que manteve uma evolução constante e encontrou a sua cristalização na honestidade dos materiais defendida pelo Brutalismo. Esse se baseia na utilização do concreto aparente, sem revestimento e que perdurou como estilo até os anos 70 (TIETZ,2000;BENEVOLO,2001;).

Todo o mundo aderiu aos princípios modernistas que foram adaptados aos costumes locais, sem, contudo, perder a criatividade e originalidade no desenvolvimento dos projetos. No Brasil, os acontecimentos antecessores de modernização, de acordo com Segawa (1999) foram: a negação das estruturas urbanas coloniais, através da transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte (cidade planejada) e o processo de Haussmanização do Rio de Janeiro, intervenção promovida por Francisco Pereira Passos, a partir de 1904, que foi seguido em várias cidades brasileiras; as várias intervenções de

Francisco Saturnino Rodrigues Brito e seus projetos de saneamento além da “Era Vargas” onde novas leis, códigos e determinações davam amparo ao processo de modernização.

Para Bruand (1999, p.61), o movimento moderno no Brasil não surgiu repentinamente. Ele foi resultado da evolução do pensamento de alguns grupos intelectuais brasileiros, especialmente paulistas, que resultou na Semana de Arte Moderna em 1922. Era uma manifestação de protesto, de um desafio à opinião pública, contra a aceitação incondicional dos valores estabelecidos.

O primeiro arquiteto a enfrentar a hostilidade e a indiferença da opinião pública, após todo o manifesto da Semana da Arte Moderna, foi o europeu Gregory Warchavchik. Em 1925 publicou um manifesto da Arquitetura Funcional, inspirado na doutrina de Le Corbusier e, em 1928 construiu a primeira casa Modernista em São Paulo (BENEVOLO,2001, p.711).

A primeira casa Modernista apresentava: fachada principal em justaposição de volumes simples, contíguos, onde só eram empregados linhas e ângulos retos; não havia nenhum vestígio de modinatura, as superfícies absolutamente lisas eram animadas somente pelos vãos da porta e das janelas, equilibradas em harmonia.(...) Entretanto, dentre os cinco pontos da nova arquitetura estabelecidos por Le Corbusier, pouco antes, Warchavchik utilizou apenas um e mesmo assim parcialmente: a janela horizontal. A razão era imples, de ordem exclusivamente material (BRUAND,1999, p.67).

Conforme Acayaba e Ficher (1982, p.9), os momentos iniciais do processo de difusão do Movimento Moderno são a passagem de Le Corbusier pelo Brasil em 1929 e a indicação de Lúcio Costa para diretor da Escola de Belas Artes, quando procurou reformular o ensino até então voltado para o neocolonialismo brasileiro. A reforma coincidiu com a Revolução de 1930, época que Getúlio Vargas assumiu o poder.

No governo de Getúlio Vargas houve a criação de vários ministérios e o marco da arquitetura modernista brasileira ocorreu, justamente, em 1935 quando se instituiu o concurso para o Ministério da Educação e Saúde, do qual participaram sem sucesso arquitetos modernos. O ministro Gustavo Capanema, contudo, conseguiu que o projeto de execução fosse confiado a Lúcio Costa, que convidou Carlos Leão, Jorge Moreira e Afonso

Reidy para integrarem a equipe, mais tarde acrescida de Oscar Niemeyer e Ernani Vasconcelos, sobre a orientação de Le Corbusier, que veio pela segunda vez ao Brasil.

A obra incorporava toda a sintaxe corbusieriana – sobretudo os “cinco pontos da arquitetura nova” e pela primeira vez foi feita aplicação de uma fachada de vidro em escala monumental - anterior as aplicações das torres de vidro norte-americanas, do início dos anos 1950 (SEGAWA, 1999, p.91-92).

O enorme êxito internacional do edifício do Ministério da Educação e Saúde teve duas conseqüências importantes para a arquitetura brasileira. Primeiro lançou os jovens arquitetos modernistas brasileiros à proeminência internacional. Segundo, mais talvez do que qualquer outra forma de expressão cultural no país, a arquitetura tornou-se, para o governo, símbolo da emergência como uma nação moderna. (...) expressava não só uma ruptura com o legado colonial do subdesenvolvimento, mas também um futuro de modernidade industrial (HOLSTON, 1993, p.102).

Outro acontecimento que serviu para dar maior conotação internacional à Arquitetura brasileira foi a execução do pavilhão brasileiro da feira Mundial de Nova York em 1938, cujo projeto foi de autoria de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, sendo considerado um dos pontos altos de toda exposição.

Holston (1993, p.02-103) comenta que a arquitetura modernista passou a ser saudada como símbolo mais visível do progresso, da industrialização, da independência e identidade nacional do Brasil como uma nação em via de se modernizar. Os governos, nos níveis federal, estadual e municipal, usaram de forma consistente a arquitetura e o urbanismo modernista como um dos mais importantes símbolos de seu comprometimento com o objetivo de criar um novo Brasil.

Constata-se isso na carreira política de Juscelino Kubitschek. Durante o Estado Novo, nomeado prefeito de Belo Horizonte, empreendeu o bairro de Pampulha convocando Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx para os projetos de arquitetura e paisagismo. Eleito presidente do Brasil em 1955 criou um slogan para o ritmo desenvolvimentista que pretendeu impor: “50 anos em 5”, sendo Brasília uma das alavancas de sua gestão (SEGAWA, 1999, p.123).

O projeto urbanístico de Brasília foi desenvolvido por Lúcio Costa, no qual utilizou os princípios da Carta de Atenas, enquanto Oscar Niemeyer foi nomeado, pelo então presidente, para a criação das edificações da nova capital.

Com Brasília, houve a afirmação plena do Movimento Moderno, as teorias assimiladas e desenvolvidas foram concretizadas em edifícios e no urbanismo por todo o Brasil (ACAYABA, FISCHER, 1982, p.48). Para Segawa (1999, p.131) é possível levantar a hipótese de que houve dois fatores mais significativos na disseminação dos valores da arquitetura moderna através do país. A criação de escolas de arquitetura em várias regiões do Brasil teria sido um deles; o deslocamento de profissionais de uma região para outra também foi decisivo para a afirmação de uma linguagem comum pelo território brasileiro.

Jovens de várias partes do Brasil que foram buscar formação em arquitetura no Rio de Janeiro se transformaram em mensageiros da arquitetura moderna. Edgar Graeff, do Rio Grande do Sul; José Bina Fonyat, na Bahia; Davi Azambuja, em Curitiba; Acácio Gil Borsoi, em Pernambuco, entre outros (SEGAWA, 1999, p.142).

2 Um Olhar sobre a Arquitetura Modernista em Teresina

Durante o Movimento Moderno no Brasil, em 1922, o Piauí encontrava-se governado por João Luis Ferreira. Como governador criou o primeiro posto de saúde de Teresina, o primeiro plano de construção de rodovias, trouxe os primeiros automóveis, inaugurou o telégrafo Teresina-Rio de Janeiro e construiu o edifício majestoso da Escola Normal (GONÇALVES, 1996, p.126), em estilo neoclássico, assim como vários outros que foram construídos nesse período.

A arquitetura Neoclássica e Eclética dominava o cenário teresinense da época. Os projetos eram realizados por pedreiros, construtores e engenheiros, que copiavam projetos de revistas e publicações que divulgavam as correntes arquitetônicas vigentes

Seguindo os acontecimentos nacionais, a Era Vargas, compreendida entre 1930-1945 teve três fases importantes no campo político-administrativo no Piauí: 1ª. Governo Revolucionário Provisório; 2ª. Governo Constitucional e 3ª. Estado Novo (TAVARES, 2001, p.51).

Na 3ª. Fase, o Piauí mergulhou por quase dez anos num período de perseguições políticas, prisões arbitrárias e agitações diversas que culminaram com o incêndio de casebres de palha em Teresina. Segundo Tavares (2001, p.55) "...à época, a capital era muito acanhada,

com poucas ruas calçadas, quatro praças na área central, e um cinturão de miséria a partir da rua do Barroão (atual Av. José dos Santos e Silva), na zona sul, e da rua Palmeirinha (hoje Clodoaldo Freitas), na zona Norte”.

Leônidas Melo governou durante o Governo Constitucional e no Estado Novo. Em seu governo apareceram as primeiras obras de volumes puros, seguindo o estilo Art Decó. Podemos citar o edifício do Liceu Piauiense (1936), hoje Colégio Estadual Zacarias de Góis e a construção do Hospital Getúlio Vargas (1941), que de acordo com Gonçalves (1996, p.150) foi considerado, na época, a maior unidade médico-hospitalar do Nordeste.

Com a Segunda Guerra Mundial, a cera de carnaúba produzida no Piauí atingiu níveis altíssimos, passando a ter novos usos, inclusive para produção de produtos bélicos. Isso permitiu que o Estado ampliasse o aparelho burocrático, oferecendo mais serviços, realizando obras de infra-estrutura econômica e social.

Com o início dos anos 50, período pós-guerra, começou a surgir novos pioneiros no comércio da capital. Em Teresina chegaram caminhões com cearenses, pernambucanos e paraibanos para instalar armazéns, principalmente nas imediações da rua Paissandu, criando a área chamada Santa Rosa (TAVARES, 2001, p.69). Nessa época, as pessoas de maior poder aquisitivo, após viagens por cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife, nas quais o modernismo predominava, passaram a adotá-lo em suas residências.

Um dos primeiros arquitetos a construir, nesse período, utilizando os princípios modernistas em Teresina foi Anísio Medeiros. Piauiense, formado em arquitetura pela Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, foi internacionalmente premiado como cenógrafo de filmes como Macunaíma, dona Flor, A Estrela Sobe, entre outros e foi em Teresina e Parnaíba que deixou sua marca como arquiteto (MELO, 2002, p.58). Entre seus projetos o late Clube de Parnaíba, a residência do Dr. Zenon Rocha e do Dr. David Cortelazzi.

Engenheiros, mestres de obras e construtores também deixaram vários exemplares com algumas idéias modernistas, entre os quais podemos citar alguns exemplos: Domingos Pinheiro da Silva, mestre de obras famoso em Teresina por sua habilidade ao expressar-se com as formas puras e por participar de todo processo construtivo, como no edifício onde hoje funciona a Intermed na Avenida Frei Serafim; Raimundo Nonato Portela de Melo, advogado, industrial, construtor e professor de desenho geométrico, que se preocupava com a insolação e com o correto dimensionamento dos ambientes, destacando-se entre seus projetos sua própria residência, na praça Landri Sales.

Ainda no grupo de construtores: Geraldo Castelo Branco que ao aposentar-se passou a dedicar-se à construção civil, executando edificações modernistas como os conjuntos residenciais que levam seu nome; e João Couto que, juntamente com seu irmão José, fundou uma construtora muito requisitada na década de 1960, sendo seu projeto a residência da Sra. Angélica Martins, na rua Anísio de Abreu.

Durante a década de 1960 chegaram a Teresina, profissionais com diploma universitário para atuar no setor da construção civil, foram eles: Antonio Luiz Dutra de Araujo, sobre o qual daremos mais ênfase a seguir; Miguel Dib Caddah, destacou-se no campo da educação escolar, trabalhando muitos anos na Secretaria Estadual de Educação e ensinando na Escola Técnica e entre seus projetos podemos destacar a Igreja da Santíssima trindade; e ainda Acácio Borsoi, arquiteto radicado em Recife, que realizou trabalhos para Teresina a convite da Construtora Parente, sendo de sua autoria o projeto da Assembléia Legislativa, entre outros.

Durante o governo de Dirceu Arcoverde (1975-1979) foram inauguradas várias edificações públicas como, a nova sede da COHAB (Companhia de Habitação do Piauí), o Centro de Convenções e o Centro Administrativo, sendo esses dois últimos projetos de autoria do arquiteto Raimundo Dias, responsável também pela criação do edifício do Jockey Clube e Terminal rodoviário. Em todos é notável o uso do concreto bruto aparente.

Todo esse acervo modernista encontra-se em espalhado em vários locais da cidade. Grande parte das residências se encontra no centro de Teresina (nas proximidades com a Avenida Frei Serafim) e no bairro Ilhotas. Essas apresentam como características formais pilares delgados muitas vezes em forma de "V", revestidos com pastilhas, lajes planas, uso de mosaicos no piso e paredes, assim também como cerâmicas 10/15 na cor vermelha e laranja.

O acervo da arquitetura modernista só foi produzido, em maior escala, no final da década de 1960 e na década de 1970. Tavares (2001, p.87) diz que o Piauí apresentava uma situação de relativo atraso em relação aos demais estados nordestinos porque não pode beneficiar-se dos anos áureos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE - na década de 1960, pois o Estado não resolveu a tempo o problema da energia elétrica. Complementa ainda, que o atraso se deu também em outros setores, pois somente em 1971 o Piauí teve sua universidade, sendo o último do nordeste nessa corrida.

3 O arquiteto modernista Antonio Luiz

Antonio Luiz Dutra de Araujo nasceu em 02 de setembro de 1935, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Filho de Rubem Araujo e Lauricy Leite Dutra de Araujo, estudou na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde recebeu influências de seu professor, arquiteto Sérgio Bernardes.

Seu primeiro projeto após a formatura foi a de uma agência do Banco Nacional de Minas Gerais em Vitória, Espírito Santo, em que era contratado pela empresa. Em 1964 veio a Teresina para reformar um prédio que seria a sede do Banco Nacional na cidade, onde iniciou a amizade com o engenheiro Lourival Parente, dando início a uma série de projetos em conjunto.

Em Teresina, logo que chegou, abriu uma filial da Maloca Arquitetura e Decoração Ltda, cuja sede, inicialmente, era no Rio de Janeiro, realizando vários trabalhos para o governo do Estado, à Construtora Lourival Sales Parente, e devido à experiência adquirida, ao Banco do Estado do Piauí.

A esta época, a produção local de materiais como o tijolo e a telha começavam a industrializar-se e ele tirou partido da qualidade do produto explorando em suas construções o tijolo aparente. A qualidade proporcionada por construtoras como a Lourival Parente lhe permitiu explorar as formas com a plasticidade do concreto na maior parte de sua obra, nunca deixando os materiais primários em segundo plano.

Segundo Antonio Luiz, a arquitetura e estrutura não deveriam, jamais, serem pensadas por cabeças diferentes; o arquiteto, ao criar seus espaços, tem que estar simultaneamente imaginando como será sua sustentação. Quanto aos materiais de acabamento, esses devem atuar enquanto a obra existir, sem causar cansaço às pessoas, não devendo ser agressivos; a sobriedade deveria ser a palavra de ordem.

Dentre seus inúmeros trabalhos, fez em Teresina o edifício sede do Ministério da Fazenda, na Praça da Bandeira; o edifício Palácio do Comércio, na rua Senador Teodoro Pacheco; a matriz do Banco do Estado do Piauí; a sede municipal da Caixa Econômica Federal, na Rua Areolino de Abreu; a primeira agência do Bradesco na cidade, na rua Álvaro Mendes; o escritório da Construtora Lourival Sales Parente, na Avenida Frei Serafim; o Edifício São Pedro, da Pintos Magazine, na rua 13 de maio; a sede da CEPISA, na Avenida Maranhão;

a Fábrica da Coca-Cola; além de várias residências e outros edifícios em Teresina, Parnaíba e cidades no Maranhão.

4 A Arquitetura Modernista de Antonio Luiz

Como o arquiteto possui projetos em várias tipologias arquitetônicas, escolhemos alguns exemplares para serem analisados e proporcionarem uma visão geral da produção de Antonio Luiz em Teresina.

4.1 Edifício Palácio do Comércio

No dia 24 de agosto de 1903 sete negociantes de Teresina reuniram-se para promover a Associação Comercial Piauiense. Em 1905, compraram para a sede da Associação o edifício mais importante da cidade, o sobrado da rua Bela, hoje Senador Teodoro Pacheco, no cruzamento com a Rui Barbosa (FILHO, 1982, p.29).

Segundo Filho (1982, p.29), em 1961 lançou-se o plano de construção do Palácio do Comércio, a nova sede (Fig. 1), cuja construção teve início em 1969 quando demoliram o velho sobrado. O projeto teve apoio dos governadores Petrônio Portela e Alberto Tavares Silva, sendo inaugurado em 23 de agosto de 1977.



Figura 1-Perspectiva do Ed. Palácio do Comércio

Fonte: Acervo Antonio Luiz

O projeto segue alguns dos princípios modernistas utilizados na construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde. O prédio é monumental, disposto em dois blocos, tendendo a verticalidade, como forma de aproveitar melhor o terreno. No entanto, não foram utilizados os pilotis no projeto teresinense, devido à necessidade de se ter pontos

comerciais no nível da rua e pelo fato de o edifício não estar isolado, o que tornava sem sentido a liberação integral do solo.

As salas também foram dispostas de ambos os lados de um corredor central, existindo na fachada oeste e leste esquadrias de vidro, não sendo aplicado o *brise-soleil* por falta de verbas. Foram deixados recursos para esconder os aparelhos de ar-condicionado, no entanto, com o tempo, as pessoas começaram a colocá-los nas fachadas à livre escolha, destoando da idéia principal do arquiteto.

Antonio Luiz revestiu com mármore as paredes externas do bloco horizontal e hall principal; usou pastilhas no bloco vertical e volume circular lateral, colocando no topo da composição superfícies inteiramente cegas e paredes laterais nuas, assim como os irmãos Roberto¹ no prédio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

O conjunto apresenta um inegável dinamismo seja pela confrontação dos dois blocos (horizontal e vertical), seja pelo contraste entre a rigidez das linhas retas do bloco principal e a leve inclinação do bloco horizontal, além do volume curvo, destinado a escada, que se apresenta revestido com pastilhas na cor azul.

O prédio atualmente encontra-se com a fachada descaracterizada pelos aparelhos de ar-condicionado; as pastilhas estão caindo e não são repostas; na época, fixaram as placas de mármore com grampos de ferro, que se encontram enferrujados; a galeria existente no projeto original no pavimento térreo foi fechada e ocupada por pontos comerciais, cujas placas de propaganda geram um conflito visual; além da falta de manutenção interna do prédio.

4.2 Ministério da Fazenda

Localizado na Praça Rio Branco, o prédio foi construído no início dos anos 1970, ficando confiada à execução a Construtora Lourival Sales Parente, que indicou o arquiteto Antonio Luiz para desenvolver o projeto. Antes, em seu local ficava o prédio do Tesouro Provincial em estilo Neoclássico, assim como as outras obras que compõem a paisagem urbana do entorno da praça. Segundo Kallas (204, p.135) funcionou também no local o edifício a Secretaria de Fazenda, no período Republicano; o Departamento de Administração Geral; a Faculdade de Direito do Piauí e outros órgãos governamentais.

¹ Irmãos Marcelo e Milton Roberto, arquitetos vencedores do concurso para a ABI, em 1936.

O edifício neoclássico foi demolido no governo de Helvídio Nunes, tendo em vista a execução do projeto que visava a integração da praça Rio Branco à praça Marechal Deodoro. Esse não teve andamento, por falta de verbas, sendo vendido o esqueleto ao Ministério da Fazenda (KALLAS, 2004, p.135).

No projeto (Fig. 2) o arquiteto aproveita o esqueleto deixado, fazendo uso de volumes geométricos puros, prevalecendo a horizontalidade, como forma de manter o gabarito das construções existentes e não gerar conflitos com o entorno.



Figura 2- Ministério da Fazenda

Fonte: Acervo Antonio Luiz

Assim como no edifício do Palácio do Comércio, foi utilizado vidro, que aparece em todas as fachadas e o mármore no acabamento externo. O arquiteto justifica o uso do mármore, em grande parte de seus projetos, por ser um produto resistente e que confere imponência à edificação. A pedra, geralmente, vinha do Espírito Santo, pois o mármore local não era adequado para pisos e exposição às intempéries.

A planta baixa do edifício é livre, sendo demarcada apenas a caixa de descida das escadas, elevadores e banheiros. A separação dos ambientes foi feita com divisórias de madeira. O arquiteto comenta que na época da delimitação das salas, conversou com chefes das seções que deram a relação de todo mobiliário dos funcionários, para saber a necessidade de cada um, processo bastante complexo que finalizou em pavimentos bem diferentes um do outro.

Embora seja um edifício modernista envolto por edificações de estilo neoclássico, o prédio é bastante integrado na paisagem, devido ao seu caráter sóbrio, conseguido graças à

utilização de linhas retas em sua concepção formal e à aplicação de materiais neutros, como é o caso do vidro que reflete o entorno.

4.3 CEPISA

A Companhia Energética do Piauí S/A (CEPISA) foi criada no governo de Francisco das Chagas Rodrigues, eleito em 1958, sendo sua sede atual construída em 1973, durante o governo de Alberto Tavares Silva.

Para a escolha do projeto do edifício foi realizado um concurso, cujo primeiro lugar foi do arquiteto Antonio Luiz. A obra (Fig. 3) apresenta volume circular, fazendo referência a um gerador de energia, recorre à idéia modernista de inspiração na máquina. As formas circulares em projetos modernistas eram usadas por vários arquitetos, inclusive, por Frank Lloyd Wright no Museu de Guggenheim (1956-1959) em Nova Iorque.



Figura 3- Perspectiva aérea

Fonte: Acervo Antonio Luiz

A intenção do arquiteto era repassar a idéia de discos superpostos evidenciados por detalhes de iluminação especificados pelo arquiteto e que não foram executados. As esquadrias são de vidro, protegidas da insolação pela própria estrutura em concreto aparente, que também camufla os aparelhos de ar-condicionado.

As salas são dispostas em torno de um corredor circular que dá acesso a um grande vão central aberto, que facilita a circulação dos ventos, conseguida também através dos pilotis (um dos cinco pontos defendidos por Le Corbusier), atualmente fechado com vidro. Praticamente não conseguimos ver o edifício durante o dia, devido ao aumento na altura do muro externo e da vegetação existente; e no período da noite, além dos motivos já citados, não existe qualquer iluminação que dê destaque à construção.

4.4 Instituto Antonino Freire

O prédio (Fig. 4) foi construído no primeiro governo de Alberto Silva (1971-1975) para receber a Escola Normal, visto que, o edifício anterior localizado na Praça da Bandeira destinou-se para a prefeitura da cidade. Atualmente, chama-se Instituto de Ensino Superior.



Figura 4- Fachada do Instituto Antonino Freire

Fonte: Acervo Antonio Luiz

Sua estrutura é executada em concreto aparente com pilares de dupla altura, correspondendo aos dois andares, que são interligados por rampas, manifestando a preocupação com a acessibilidade.

Foi utilizada laje plana com cobertura em telha amianto, sendo desenvolvido pelo arquiteto um sistema de colchão de ar para a retirada do ar quente entre a cobertura e a laje de forro. As salas com aberturas em paredes opostas foram dispostas ao longo de um corredor com o objetivo de facilitar a circulação do ar, que também é conseguida através das janelas em madeira com venezianas móveis e vidros duplos com venezianas de PVC embutidas entre eles, da Blindex (veneglass).

Antonio Luiz executou o projeto de várias residências em Teresina (Fig. 5), algumas com influências coloniais, fazendo uso de materiais como madeira (pau d' arco), telha colonial, vidro, tijolo e concreto aparente, além de cerâmicas e azulejos decorados para realçar as fachadas. Esses azulejos e as cerâmicas empregadas no piso vinham de uma empresa em Belo Horizonte, cerâmica Maiólica. Quanto à decoração interna, o arquiteto encomendava móveis da Oca, Celina decorações e da firma Móveis Teperman, todas no Rio de Janeiro, por falta de opções em Teresina. Alguns desses móveis ainda se fazem presente na residência do Dr. David Cortelazzi, cuja decoração é projeto de Antonio Luiz, e na própria Maloca.



Figura 5- Residência do Arquiteto

Fonte: Fotografia da autora

É importante salientar a presente preocupação do arquiteto em especificar espaços destinados à obra de arte, como era comum entre os arquitetos modernistas. Pode-se observar na sede do Banco do Estado do Piauí (BEP) de Parnaíba (Fig. 6), onde foi encomendado à artista carioca Niva Vilela um painel em cerâmica, nas cores preto e branco, mostrando as riquezas do Estado; no BEP de Teresina, o painel é em tinta óleo executado pelo artista plástico piauiense Afrânio Castelo Branco, representando a lenda do Cabeça de Cuia², sendo o mesmo artista autor da pintura existente na CEPISA.



Figura 6- Interior da Agência do BEP, Parnaíba

Fonte: Acervo Antonio Luiz

Bruand (1991, p.90) define Le Corbusier: “...era adepto de formas simples e geométricas, clássico por excelência, exaltou desde o início a pureza absoluta, através do jogo de volumes.”. Quanto a Lúcio Costa, “descobriu que os verdadeiros problemas arquitetônicos tinham sido percebidos e resolvidos com bom senso pela arquitetura colonial, fazendo uso

² Personagem do folclore piauiense que foi amaldiçoado por sua mãe ao mata-la. Transformou-se em uma criatura deformada com a cabeça grande e o corpo esquelético e para ter descanso eterno teria que devorar sete virgens. Segundo a lenda, ele sempre aparece nas cheias virando canoas e assustando lavadeiras a procura das virgens.

de elementos passados como o azulejo, a madeira nas esquadrias dotadas de venezianas, entre outros” (BRUAND, 1991, p.126).

Portanto, diante do exposto, percebe-se que os ideais dos pensadores modernistas chegaram a Teresina, mesmo com algumas adaptações locais, seja por motivos econômicos, culturais ou climáticos. Pessoas como o ex-governador, engenheiro Alberto Tavares Silva e o engenheiro Lourival Parente (Construtora Lourival Parente) foram de grande valor na implantação da arquitetura modernista em Teresina, por incentivarem e acreditarem na nova arquitetura.

O arquiteto Antonio Luiz e demais arquitetos modernistas, apostaram no novo como forma de proporcionar o desenvolvimento de nossa cidade, deixando-a atualizada com as tendências mundiais no ramo da arquitetura e contribuindo na formação do nosso patrimônio histórico.

REFERÊNCIAS

- ACAYABA, Marlene, FICHER, Sylvia. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.
- BENÉVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.
- FILHO, Moysés Castelo Branco. *História do Comércio de Teresina*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1982.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Roteiro Cronológico da história do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1996.
- GUTIÉRREZ, Ramón. *Arquitetura Latino-Americana - Textos para reflexão e polêmica*. São Paulo: Nobel, 1989.
- HOLSTON, James. *Cidade Modernista - uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- JANSON, H. W. *História Geral da Arte - o mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KALLAS, Luana Miranda Esper. *Paisagem e Memória – A praça Marechal Deodoro da Fonseca*. In: *Cidade, História e Memória - Teresina, 150 anos*. Teresina: EDUFPI, 2004.
- MELO, Alcília Afonso de Albuquerque. *Arquitetura em Teresina: 150 anos - da origem à contemporaneidade*. Teresina: Halley, 2002.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil, 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1999.
- TAVARES, Zózimo. *100 fatos do Piauí no século XX*. 3ª. ed. Teresina: Halley, 2001.
- TIETZ, Jürgen. *História da Arquitetura do Século XX*. Portugal: Konermann, 2000.